

## **O QUE SE DIZ SOBRE A ESCRITA: A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A DISCIPLINA DA ESCRITA<sup>i</sup>**

Kleyse Galdino Francisco<sup>ii</sup> (UFS)

### **RESUMO:**

Segundo Pêcheux (1988, p.160), a formação discursiva é *aquilo que, numa formação ideológica dada,..., determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito*. Segundo Foucault (1996), a disciplina é um meio de controle dos discursos, ela é determinada pela instituição, assim nossos discursos são determinados pelo papel que ocupamos nas instituições. No presente trabalho, apreciamos textos produzidos, à título de avaliação, por alunos universitários, dos cursos de Espanhol e Biblioteconomia da Universidade Federal de Sergipe, sobre “A importância da escrita para a formação profissional”, a fim de avaliar a formação discursiva em que se inscreve esse tipo de aluno quanto à escrita, como esta é determinada pela instituição estatal, inclusive no que diz sobre ela, além de verificar o papel de controle da disciplina sobre essa formação discursiva.

Palavras-chave: **escrita, formação discursiva, disciplina.**

### **RESUMEN:**

Según Pêcheux (1988, p.160), la formación discursiva es lo que en una determinada formación ,..., ideológica determinada por el estado de la lucha de clases, determina lo que puede y lo que debe ser dicho. De acuerdo con Foucault (1996), la disciplina es un medio para controlar el discurso, se determina por la institución y nuestros discursos están determinados por el papel que ocupan en las instituciones. En este trabajo, apreciamos los textos producidos por estudiantes universitarios de cursos de Español y Biblioteconomía de la Universidad Federal de Sergipe, sobre "La importancia de la escritura para la formación profesional", a fin de evaluar la formación discursiva que encaja como escritura de los alumnos, se esta formación está determinado por la institución del estado, y comprobar el papel de la disciplina en esta formación discursiva.

Palabras-clave: **escritura, formación discursiva, la disciplina.**

## **O QUE SE DIZ SOBRE A ESCRITA:**

### **A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A DISCIPLINA NA ESCRITA**

Kleyse Galdino Francisco (UFS)

O texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva (MAINGUENEAU:1997, p. 91)

A linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder. (GNERRE: 1994, p.22)

#### **A produção escrita na academia**

A disciplina Produção e recepção de texto I, disciplina obrigatória nos cursos de Letras e Biblioteconomia, entre outros, da Universidade Federal de Sergipe – UFS, tem como elementos de sua ementa a caracterização de texto, a coesão, a coerência, como também a produção e compreensão de textos. (fonte: [www.ufs.br](http://www.ufs.br)). Quando ministrada, no período 2010.1, pela docente Kleyse Galdino Francisco, teve como objetivo principal o reconhecimento do texto em suas múltiplas formas e gêneros, a análise e a produção de textos escritos.

A produção escrita do aluno de grau universitário é um pressuposto da academia e da sociedade. Espera-se, em geral, do alunado uma relação estreita com a pesquisa e a materialização desta através da escrita. Nestas condições, a produção escrita representa um importante aspecto da formação profissional dada pela instituição acadêmica, que inclusive já a cobra como meio de ingresso, quando exige a produção de texto dissertativo no vestibular.

A escrita, em seus muitos gêneros, é requerida em todas as disciplinas, em qualquer curso universitário, está atrelada às discussões, aos debates e às reflexões demandadas em qualquer campo do saber. É utilizada pelos sujeitos imediatos do ensino: professor e aluno, enquanto a este cobra-se apresentar o “conhecimento aprendido” com respostas, comentários

ou produção de ensaio, resenha, artigo, TCC e monografia; aquele reveste-se da escrita para formular propostas de apreensão de conhecimento, determinando questões e proposições de produção textual.

A produção textual é tão valorizada pela academia que esta incentiva o aluno a escrever oferecendo vários meios de publicação e valorizando significativamente, atribuindo créditos, inclusive algumas produções escritas, como o artigo científico, fazem parte das atividades complementares exigidas pelo MEC<sup>iii</sup> para a conclusão da graduação.

### **A metodologia da pesquisa**

Ao final do período 2010.1, a docente referida requereu das turmas F0 e J0, que cursavam a disciplina Produção e recepção de texto I, entre outros trabalhos, a produção de um texto, cujo tema seria: “a importância da escrita para a formação profissional. A turma F0 era composta de cerca de 55 alunos e a turma J0 compunha-se de 50 alunos, foram observados para essa análise, vinte e quatro textos produzidos pelas turmas referidas.

A docente orientou a produção do texto referido, através de e-mail, com a seguinte transcrição:

Escreva um texto, observando condições adequadas de coesão e coerência, com o tema: " A importância da escrita para a formação profissional". O texto deve conter no mínimo 20 linhas e no máximo 30 linhas. Deve ser escrito a mão, em página com linhas ( pode ser uma folha de caderno). Deve ser destacado para entrega. A fim de escrever sobre esse tema, faça uma pesquisa sobre a música Comida (Titãs), observe o texto O bordado de Raquel Jardins (que aparece na 2ª avaliação) e leia as concepções de escrita de Ingedore Koch que foram discutidas em sala de aula.

É preciso considerar que durante o citado período letivo, os discentes foram levados a pensar sobre as caracterizações da escrita, do texto, seus elementos constitutivos, sua compreensão e sua produção, através da discussão e das reflexões de textos em sala de aula, além de atividades (questionários, resumos, comentários, produções de texto escrito e oral). Entre os textos discutidos durante o curso estavam Desvendando os segredos do texto<sup>iv</sup>, Ler e compreender<sup>v</sup> de Ingedore Villaça Koch; Redação e textualidade<sup>vi</sup>, de Maria da Graça Costa

Val; Produção e recepção de texto I<sup>vii</sup>, de Leda Correa Pires e Luiz Eduardo Oliveira. São livros que se apresentam implícita ou explicitamente como representantes da Linguística Textual.

Os discentes das turmas observadas não foram orientados em relação à expressão e nem ao gênero pretendido, tão somente quanto ao conteúdo, extensamente discutido em sala de aula. Os textos foram produzidos pelos alunos fora de sala de aula, sendo permitida a consulta a quaisquer fontes, já que entre a proposição da atividade textual e sua entrega os alunos tiveram entre três e quatro dias. Já a análise se deu em um único momento, depois de sua efetiva entrega,

Convém informar ainda que a disciplina Produção e recepção de texto I não se propõe a apreciar tipologia textual e nem mesmo gêneros textuais, portanto a utilização desses termos é evitada pela docente durante as aulas e nesse trabalho. Ademais, passava pelo objetivo da mesma a exposição indiscriminada do texto em suas múltiplas vertentes, seja oral, escrito, real, virtual, visual, fictício, além das muitas perspectivas do texto escrito. Também foi destacada, durante o curso, a importância da leitura e da compreensão textual.

Aqui se pretende demonstrar como o texto é espaço de projeção da formação discursiva, avaliando aquela em que se inscreve esse tipo de aluno quanto à escrita, como esta é determinada pela instituição estatal, inclusive no que diz sobre ela, além de verificar o papel de controle da disciplina sobre essa formação discursiva.

Nesse sentido, analisamos a seguir o que se diz sobre a escrita, como a história forjou determinadas formações discursivas sobre a escrita e sua relação com o trabalho. Utilizamos os textos produzidos pelos alunos já referidos como meio de análise desses pressupostos, haja vista que consideramos o texto um instrumento para demonstrar como o sujeito se vê em relação a sua própria produção e a seu objetivo.

### **A legitimação da escrita**

*Escrever nunca foi e nunca será a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais.* (GNERRE,1994:10). Esse julgamento sobre a escrita é apresentado pelo autor como o resultado de um processo de institucionalização da escrita pelo poder do Estado.

Segundo Gnerre, a escrita sofreu um processo de legitimação pelo qual passou a ser reconhecida e aceita: o processo de gramatização, que determinou a relação de prestígio da escrita sobre a fala, que não segue regras. Esse processo faz parte de um processo maior, ocorrido na formação dos estados modernos. No Brasil, a escrita já se insere no processo de colonização e mais tarde no processo de “independência” do Brasil como instrumento de meio de unidade/identidade e, por conseqüência, de poder.

A partir de determinada tradição cultural, foi extraída e definida uma variedade lingüística usada,..., em grupos de poder, e tal variedade foi reproposta como algo de central na identidade nacional, enquanto portadora de uma tradição e de uma cultura. (...) Assim como o Estado e o poder são apresentados como entidades superiores e “neutras” também o código aceito “oficialmente” pelo poder é apontado como neutro e superior, e todos os cidadãos têm que produzi-lo e entendê-lo nas relações com o poder (GNERRE: 1994, p.8-9)

Incumbe ao cidadão utilizar a língua escrita de acordo com a gramática, com a regra, com aquilo que é determinado pelo Estado e que é a razão de nossa unidade nacional. Aquele que não age assim é discriminado pela lei e pela sociedade, que, elegendo determinada variedade lingüística, através da gramática, acaba determinando o certo e o errado.

A variedade culta é associada à escrita. É nesse processo também que se insere o dicionário, “portador legítimo de uma tradição cultural e de uma identidade nacional” (p.11). Em determinado artigo científico<sup>viii</sup>, José Horta Nunes, lembra-nos que o aparecimento do dicionário se dá também no período de formação dos estados nacionais; é um instrumento lingüístico prestigiado que serviria ao aprendizado da própria língua e que se insere nas formas de saber lingüístico de natureza prática ligado à aquisição do domínio de línguas.

Aquele que escreve bem escreve correto e escreve segundo a gramática, utilizando as formas inscritas nos dicionários. Esses atendem as determinações da ordem lingüística

estabelecida pelo Estado, e impõe às outras formas um papel desprestigiado, até “criminoso”. *Os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida.* (GNERRE: 1994, p.10)

A afirmação de uma variedade lingüística demonstra uma dupla afirmação de poder na formação do estado brasileiro: em termos internos, em relação às outras variedades lingüísticas utilizadas que passam a ser reduzidas a “dialetos”; e em termos externos, em relação à língua estrangeira. A justificativa é a utilidade, que mascara/esconde toda uma construção ideológica formentada pela necessidade de unidade e estabelecimento de poder da instituição estatal. A gramatização responde a exigências sociais e especialmente políticas.

O processo de legitimação tem como componente essencial a criação de mitos de origem. A língua escrita utilizada no Brasil, que nem mesmo se diz brasileira, é envolvida num sentimento patriótico a partir da independência, a ponto de lhe darmos o título de “nossa língua portuguesa”<sup>ix</sup>.

Esse mito de superioridade da língua, tomado em muitas nações, faz apagar a realidade de que *a língua dos gramáticos é um produto elaborado que tem a função de ser uma norma imposta sobre a diversidade.* (GNERRE: 1994, p.15), de que as palavras não têm sentido fora da produção lingüística e de que a função da linguagem é antes de tudo social, de reafirmação da identidade dos integrantes do grupo reduzido que tem acesso à linguagem especial.

O uso da variedade padrão, preconizada pela gramática, associa-se também ao *status* social. Quem tem lugar de prestígio na sociedade, conhece a gramática, portanto escreve bem. É assim que os modelos se apresentam: a literatura prestigiada pela classe social dominante passa a ser o modelo e passa-se a se reconhecer a escrita como objeto de prestígio social. Também se mascara o fato de que na variedade padrão são introduzidos conteúdos ideológicos, assim como a própria existência da gramática, que diz o “correto”, determinar uma discriminação social e uma contradição para a unidade nacional.

Na vigência da nova ordem constitucional (a partir de 1988), em que se coadunam ideais de igualdade de direitos, livre concorrência, poder do povo e a ideologia democrática dá ao cidadão a capacidade de ocupar quaisquer papéis na sociedade, a ideologia implícita na existência de uma norma lingüística apresenta justamente o contrário: somente alguns seguem a regra, somente esses podem assumir papéis de destaque na sociedade, inclusive somente esses terão direito ao trabalho.

### **A importância da escrita para a formação profissional**

Sem querer entrar no campo sociológico da questão e nem no campo econômico, cabe aqui somente apreciar como esse discurso surgiu. Obviamente, como se vinha delineando, esse é um discurso proveniente do processo de institucionalização da escrita e da gramatização da língua.

Esse processo se constituiu como uma representação da língua nacional como instrumento de construção de identidade, e seu uso “correto” como meio de conseguir *status* social. Se os modelos são aqueles reconhecidos e utilizados pela classe social abastada, caberia ao indivíduo utilizar a variedade padrão como meio de mobilidade social, portanto como meio de se conseguir aquilo que é considerado o maior elemento para essa mobilidade: o trabalho. Aí se une a formação discursiva sobre esse último elemento, pela qual “melhora de vida quem muito trabalha”, com a formação sobre a língua que se reconhece pela frase feita “saber ler e escrever é essencial”.

Essa relação entre a escrita e o trabalho é determinada pela história de classes no Brasil e no mundo. Em artigo intitulado *Quando as línguas eram corpos, afirma sobre a língua portuguesa*<sup>x</sup>, Bethania Mariani traz a seguinte afirmação de Baggioni nesse sentido:

O centro de gravidade da língua literária tórnase logo oficial por decisão de D. Dinis I (1279-1325). A forma escrita que servirá de norma à língua común fixase desde cedo definitivamente máis a sul, sob a dobre influencia de Coimbra, como centro da vida intelectual, e de Lisboa, centro do poder e da vida econômica. (...) O português, como o castelán, beneficiou do apoio firme e continuo da monarquia católica, que dele se serviu desde cedo (século XVIII) como emblema de soberania e poder. A monarquia reforzou de forma sistemática a súa funión de língua de Estado e de comunicaci3n

social (apoio aos artistas e intelectuais, que ilustram a língua común, amparo à obra pedagógica dos Franciscanos e Xesuítas, que difundem, co latin, o português, como língua de cultura das elites)

### **A formação discursiva e o sujeito para Pêcheux**

Para Pêcheux (1988), a reprodução-transformação das relações de produção de uma formação social dependem de aspectos ideológicos e econômicos e de ordem social, eles acontecem nas lutas de classe. São movimentos circulares que têm como efeito a naturalização de saberes, desse modo são encaradas como verdades incontestáveis e naturais aquilo que na verdade não é. Isso é representado nas formações discursivas - FD, que são lugares de onde se pode dizer o que se diz, *é aquilo que, numa formação ideológica dada,..., determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.* (PÊCHEUX: 1988, p.160). Desse modo, ela é o lugar da constituição do sentido.

O sentido se constitui em cada FD, nas relações entre palavras, expressões e proposições da mesma FD. (...) *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.* (PÊCHEUX: 1988, p.160). O sentido de uma palavra não existe em si mesmo é determinado/materializado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico. Nesse sentido, Bakhtin<sup>xi</sup> (1997) afirma:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (...) Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (...) A palavra acompanha e comenta todo o ato ideológico.

Ainda segundo Pêcheux (1998, p. 162), o sujeito determina sua “realidade”, a partir de evidências e de uma rede de significações que são forjadas na FD em que se encontra. Ele aceita essa “realidade”, que lhe aparece sob uma forma “transparente”, por causa da ideologia

que subjaz sua FD. Assim ele não reconhece sua subordinação em relação ao Outro já que essa se realiza no sujeito sob a forma de autonomia. Esse é o bom sujeito, aquele que confirma e reproduz a formação discursiva da classe dominante. O sujeito de direito é o sujeito provocado pela ideologia imposta na FD do Estado de Direito que interpela o indivíduo de maneira a produzir a ilusão de que ele faz parte desse Estado, mas acaba por esvaziar o sujeito indivíduo e coloca-o numa situação de coletivo, numa situação de impessoalidade. O sujeito assume a posição de sujeito de direito, pois o sujeito ideológico vai naturalizar essa questão.

### **O poder da disciplina em Foucault**

Foucault reconhece que a produção do discurso é controlada, o sujeito é interpelado pela instituição. Em **A ordem do discurso** (1996), ele afirma que:

A produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT: 1996, p. 8-9)

Um dos procedimentos de controle explicitados por Foucault (1996, p.31 e 33) é a disciplina. Ele considera que, apesar de ser feita tanto de erros como de verdades, os erros têm funções positivas e uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indissociável daquelas verdades. E é dentro dessas verdades que cada disciplina reconhece proposições falsas e verdadeiras. *A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de reatualização permanente das regras.* (FOUCAULT: 1996, p.36)

A educação funciona assim como um meio de controle, de se manter e de se modificar a apropriação dos discursos. O sistema de ensino serve a uma proposta de ritualização da palavra, por meio do qual há uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam. Desse modo, a escrita também é um processo de sujeição.

Há, segundo Foucault, os discursos que “se dizem”, e que passam, e *os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão por dizer.* (FOUCAULT:1996, p. 22) Esses últimos são discursos fundantes ou fundadores, são

perpetuados pelas instituições em todas as relações, assim como no sistema de ensino. Portanto cabe observar na escrita esse tipo de discurso.

### **O que se diz sobre a escrita**

Observando os textos colhidos, conforme já fora explicitado acima, observa-se que a formação discursiva fundante sobre a escrita é retomada pelos alunos universitários. Assim, retira-se de alguns deles (onze) as expressões seguintes:

*Aluno A - As relações sociais se constituem como o ambiente propício para o desenvolvimento destas duas formas de comunicação: a falada e a escrita... Entretanto, ao se falar da linguagem escrita há de se observar certas regras indispensáveis para o entendimento do leitor...*

*Aluno B - Um dos meios de comunicação mais importante que existe é a escrita. Para ser um bom profissional é preciso manter contato com todos os tipos de materiais de leitura, pois enriquece a escrita.*

*Aluno C - ... a escrita por sua vez seria um elemento de ascensão social? Muitas vezes encontramos pessoas que digam que para sermos alguém na vida é necessário ler, escrever e aprender. Logo devemos reunir tudo que seja importante para a formação profissional...*

*Aluno D - Uma boa escrita exige um bom vocabulário... Para se escrever bem, depende muito de boas leituras de textos e de mundo...*

*Aluno E - A partir do momento em que o homem passou a se comunicar, surgiu a necessidade de registrar seus pensamentos e passá-los adiante.... Na formação profissional, ela nos ajuda a se espalhar em experiências de terceiros sem que haja um contato pessoal... Não fosse a escrita, seria impossível os cursos universitários...*

*Aluno F - Dominar a norma culta da língua portuguesa está se tornando cada vez mais importante para o sucesso de todas as áreas de trabalho. ... Saber escrever faz parte da vida prática e é uma das habilidades exigidas de todo profissional.*

*Aluno G - O profissional do mundo globalizado precisa dominar a escrita... pois ela representa um espaço de conhecimento onde as pessoas serão instruídas.*

*Aluno H - ... necessitamos da escrita para praticamente tudo, no dia-a-dia e na formação profissional.*

Aluno I - *Escrever bem é a arte de ler aliada a boa colocação das palavras...*

Aluno J - *A escrita é um dos principais fundamentos para a formação profissional de qualquer indivíduo... Falando e escrevendo bem o profissional gera admiração e uma boa imagem no seu campo profissional...*

Aluno L - *Uma das maneiras mais importantes de se comunicar é a escrita...*

## **O bom sujeito e a disciplina**

Reconhece-se no texto do aluno universitário discursos em que se cruzam formações discursivas do já-dito ou do sempre-dito sobre a escrita.

Os textos apresentam os bons sujeitos segundo Pêcheux, que reproduzem a formação discursiva da instituição e do Estado, pela qual “a escrita é importante”, “é determinante para a formação profissional”, “é a arte da boa adequação das palavras” e sem ela é impossível ascender socialmente ou conseguir um bom trabalho. Eles naturalizaram um sentido de que a escrita é determinante para a realização profissional, veem-na como indissociável do trabalho e simplesmente apagam de seus discursos as atividades realizadas por analfabetos, que tomam grande parte de nossos campos de trabalho, quando é notório que a construção civil e a agricultura são os mais importantes campos de absorção de trabalhadores no Brasil, especialmente porque exige pouca formação profissional e quase nenhum domínio da escrita. Apenas em um dos textos observados se observa que “nem todas as profissões é necessária a presença da escrita”.

O aluno é também o sujeito de direito da ordem constitucional brasileira para quem a possibilidade da escrita adequada é individual, assim cabe a cada cidadão buscar esse “item” necessário à formação profissional. Através da escrita ele (o cidadão) poderá ascender profissionalmente e de *status* social.

A disciplina, como Foucault nos adverte, é um meio de controle dos discursos. A disciplina Produção e recepção de texto I e o instrumento (dissertação) levou os discentes a apresentarem discursos limitados sobre a escrita, omissivos em relação ao papel da oralidade e a outras formas de linguagem, inclusive quanto aos milhares de brasileiros que não a

utilizam para sua formação profissional. Nota-se, por exemplo, que muitas são as falas sobre a necessidade de conhecimento de mundo, expressão utilizada pela autora Koch em muitos de seus textos, a que os alunos tiveram acesso. Outro exemplo é o uso da expressão “escrever é uma arte”, encontrada em muitos textos, que se associa à letra da música Comida (Titãs), também explorada durante a ministração da disciplina. Além disso, muitos são os alunos que representam a escrita como uma atividade difícil, como o bordado – clara identificação com o texto “O bordado”, conhecido pelos alunos antes da produção dos textos analisados. Fica patente a influência da disciplina sobre os discursos dos universitários. As práticas escolares e sociais determinam os discursos formados e fundados pela instituição estatal, que se utiliza também do sistema educacional para aplicar sua dominação. A esse despeito FOUCAULT assevera:

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (...) O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário meio difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e saberes? Que é uma ‘escritura’ (a dos ‘escritores’) senão um sistema semelhante de sujeição, que toma forma um pouco diferentes, mas cujos planos são análogos? (FOUCAULT: 1996, p. 44-45)

Bons sujeitos, disciplinados, são absorvidos pelo papel de alunos de um sistema educacional que impõe o bom uso da escrita, apoiada na variedade padrão, como meio de mobilidade social, a qual é dever da instituição fomentar e do aluno aprender com vista a sua adequação ao campo de trabalho. Ademais, não é assim que os parâmetros curriculares nacionais para língua portuguesa veem o ensino de língua?

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCN, 1996a, p.25)

O domínio da língua tem uma estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN, 1996a, p.22)

Aí também, nos PCN para Língua Portuguesa se observa a conformação com o discurso fundante: a importância da escrita para a formação profissional. A realização da cidadania, através das necessidades pessoais é, pois, determinada pelo domínio da língua, a bem dizer, a língua escrita, que tem estreita relação com a participação social. O não dito, mas esclarecido, é a relação de participação social com o trabalho. Nesse ínterim, discrimina-se grande parte da população e reafirma-se a dominação de pequeno grupo de pessoas (escritores) sobre a grande massa.

A formação discursiva em que se colocam os universitários não é diferente daquela pretendida pelo Estado, pela instituição e pelo próprio sistema educacional, representado em uma intrincada legislação. Eles estão na ordem do discurso, iludidos pela formação ideológica em que se prenderam seus discursos e continuam reproduzindo o discurso fundante. A disciplina os controlou assim como a instituição.

Dominar a língua (escrita) tem uma estreita relação com a possibilidade de plena participação social e a participação na sociedade se faz pelo trabalho, portanto a escrita é determinante para a formação profissional e para a ascensão social. Esse é o discurso institucionalizado em que se encontram todas as formações discursivas evidenciadas nos textos observados.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni (org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino Fundamental – Língua Portuguesa, 1996a. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em 12 jul.2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

---

<sup>i</sup> O presente artigo é fruto de pesquisa na disciplina Estudos em análise do discurso, ministrada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho e pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Emília Barreto Barros, no mestrado em Letras da Universidade Federal de Sergipe-UFS.

<sup>ii</sup> Bacharel em Direito (1999/UFS), Licenciada em Letras (2009/UFS), Mestranda em Letras (UFS).

<sup>iii</sup> Ministério da Educação e Cultura.

<sup>iv</sup> KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

<sup>v</sup> KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>vi</sup> COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>vii</sup> CORREA, Leda Pires; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Produção e recepção de texto I**. São Cristóvão: UFS, CESAD, 2007.

<sup>viii</sup> Um espaço ético para pensar os instrumentos linguísticos: o caso do dicionário, in ORLANDI, Eni (org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2007, p. 163-181.

<sup>ix</sup> Slogan e título de um famoso programa televisivo veiculado pela TV Cultura no início do século XXI.

<sup>x</sup> *Quando as línguas eram corpos: sobre a colonização linguística portuguesa na África e no Brasil*, in ORLANDI, Eni (org.). **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2007, p. 83-112.

<sup>xi</sup> BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 36-37.